



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA**  
**CAMPUS DE GRAJAÚ**  
**CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/GEOGRAFIA**

**JONAS ALEIXO DA SILVA**

**PRÁTICAS AGRÍCOLAS E ANÁLISE SOCIOECONÔMICA E  
AMBIENTAL DE CANTEIROS URBANOS: um estudo de caso dos  
horticultores do bairro Mangueira – Grajaú/MA**

**GRAJAÚ – MA**  
**2018**

**JONAS ALEIXO DA SILVA**

**PRÁTICAS AGRÍCOLAS E ANÁLISE SOCIOECONÔMICA E AMBIENTAL  
DE CANTEIROS URBANOS: um estudo de caso dos horticultores do bairro  
Mangueira – Grajaú/MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Geografia, da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Grajaú, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas, com habilitação em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Marcos Nicolau Santos da Silva

**Grajaú – MA  
2018**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado, em 15 de fevereiro de 2018, pela  
Banca Examinadora constituída pelos professores:

---

Prof. Me. Marcos Nicolau Santos da Silva – Orientador – UFMA/Câmpus de Grajaú

---

Prof. Dra. Rosimary Gomes Rocha – UFMA/Câmpus de Grajaú

---

Prof. Manoel Ferreira Silva – UFMA/Câmpus de Grajaú

Dedico esse trabalho à minha família.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida! Sim, à vida, pois ela me proporcionou um aprendizado de discernimento. Discernimento esse que me atraiu a pessoas maravilhosas, com a capacidade de enxergar além do que esses olhos podem ver, pois sabem olhar com o coração.

Agradeço ao meu pai Raimundo Marques Batista da Silva e à minha mãe Maria Benedita Aleixo da Silva. Sei que não foi fácil todo esse esforço e a distância, mas agora sei que é possível conquistar os sonhos, basta ter paciência e perseverança.

Enquanto escrevo, muitas pessoas que a vida me apresentou vem à cabeça, não citarei nomes, pois sei que, quando elas tiverem acesso a esse trabalho, terão certeza que foi dedicado a elas. São irmãos que a vida me deu de presente e guardarei todas sempre comigo em cada sorriso, conversas bobas e em situações simples, porém, importante. Alguns eu sei que demorarei mais a ver e outros terei um contato maior, mas eu agradeço a essas pessoas por nunca me deixarem viver em um mundo solitário.

Finalmente, agradeço ao meu Deus, que é tão grandioso e complacente. Justo e paciente com as pessoas. Que está presente mesmo quando eu me esqueço Dele ou não mereço. Com quem eu cresci ouvindo uma coisa e descobri que era outra. E por sempre me confortar quando meu coração pedia.

*“Só se ver bem com o coração, o essencial é  
invisível aos olhos”.*

*Antoine de Saint Exupéry (O Pequeno Príncipe)*

# **PRÁTICAS AGRÍCOLAS E ANÁLISE SOCIOECONÔMICA E AMBIENTAL DE CANTEIROS URBANOS: um estudo de caso dos horticultores do bairro Mangueira – Grajaú/MA**

## **AGRICULTURAL PRACTICES AND SOCIO-ECONOMIC AND ENVIRONMENTAL ANALYSIS OF URBAN GARDENS: a case study of the horticulturalists of the neighborhood hose – Grajaú/MA**

---

### **Jonas Aleixo da Silva**

Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Câmpus de Grajaú.  
aleixosilva1989@gmail.com

### **Marcos Nicolau Santos da Silva – Orientador**

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor Assistente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Câmpus de Grajaú.

---

### **RESUMO**

A proposta do trabalho foi analisar o processo e os resultados gerados pelas práticas da agricultura urbana do bairro Mangueira, Grajaú-MA, em um contexto social, econômico e ambiental. Neste contexto, a produção dessas hortaliças é realizada em terrenos e quintais emprestados por outras pessoas e espaços dentro de escolas, assegurando a renda dos lavradores na conjuntura social e econômica. No quesito ambiental, contesta-se o fato de a produção hortícola urbana ter ou não princípios baseados na segurança alimentar, devido à utilização de produtos agroquímicos. Para a realização do trabalho utilizou-se como procedimentos a revisão bibliográfica e o estudo de caso, sendo a pesquisa do tipo qualitativo. A operacionalização da pesquisa contou com a realização de visitas em canteiros do bairro Mangueira, observações diretas e realizaram-se também entrevistas semiestruturadas e informais, para a descrição das etapas de produção das hortaliças. Os resultados alcançados revelam que as práticas agrícolas urbanas do bairro Mangueira produzem alguns benefícios (como a qualidade dos produtos, combate à pobreza e garantia de renda familiar) e dificuldades (terras emprestada, uso de agroquímicos e empobrecimento dos solos). A produção não é isenta de adubos e fertilizantes químicos e os sujeitos da pesquisa, mesmo trabalhando no urbano, ainda guardam a sua identidade camponesa, quando se identificaram como “lavradores”.

**Palavras-chave:** Agricultura Urbana; Sustentabilidade; Segurança Alimentar.

## **PRÁCTICAS AGRÍCOLAS Y SOSTENIBILIDAD SOCIOECONÓMICA Y AMBIENTAL DE CANTEROS HORTÍCOLAS: un estudio de caso de los horticultores del barrio Mangueira - Grajaú / MA**

### **ABSTRACT**

The paper proposal was to analyze the process and the results generated by the urban agriculture practices of the Mangueira neighborhood, Grajaú-MA, in a social, economic and environmental context. In this context, the production of these vegetables is carried out on land and backyards lent by other people and spaces within schools, assuring the farmers income in the social and economic. In the environmental aspect, it is disputed that urban horticultural production is based on food safety principles, due to the use of agrochemical products. For the realization of the research it was used as procedures the bibliographical revision and the case study, being the research of the qualitative type. The operationalization of the research was the realization of visits in the neighborhoods of Mangueira, direct observations and also carried out the interviews of the

semi-structured and informal, for the description of the production stages of the vegetables. The results revealed that urban agricultural practices in the Mangueira neighborhood produce some benefits (such as product quality, combat poverty and guarantee of family income) and difficulties (borrowed land, use of agrochemicals and Soil depletion). Production is not free from chemical fertilizers and research subjects, even working in the urban, still keep their peasant identity.

**Keywords:** Urban Agriculture; Sustainability; Food Security.

---

## INTRODUÇÃO

O termo “agricultura urbana” é recente, passando a ser utilizado principalmente a partir da primeira década do século XXI, em função da expressão “Agricultura Urbana e Periurbana” (AUP) criada pela FAO em 1999 para referir-se a um tipo de agricultura que se constituiu no marco da segurança alimentar nos países subdesenvolvidos (ZAAR, 2017, p. 352).

O objetivo central desse trabalho foi analisar os benefícios e os impasses gerados pela prática da produção de hortaliças e o impacto socioeconômico e ambiental para os produtores urbanos de Grajaú-MA, especificamente os produtores do bairro Mangueira. Do ponto de vista social e econômico, a produção local de hortaliças no espaço urbano assegura renda aos produtores e feirantes que produzem em quintais, geralmente de outras pessoas que cederam e até mesmo em terrenos de escolas, caracterizando uma produção local que dificilmente pode ser mapeada e/ou mensurada em relatórios estatísticos. Tal produção compõe o circuito inferior da economia espacial urbana, assim definida por Milton Santos (2008).

Do ponto de vista ambiental, essa agricultura praticada no urbano geralmente se caracteriza como sustentável por utilizar práticas agrícolas mais orgânicas, fazendo-se o uso de adubação natural e evitando o uso exagerado de agroquímicos. Dessa forma, a produção local de hortaliças pode ser feita com base nos princípios da segurança alimentar.

A forma de venda das hortaliças em Grajaú é feita nas feiras, nos canteiros dentro de quintais, escolas, terrenos abandonados e a venda informal de porta a porta – que é o caso da maioria dos produtores do bairro Mangueira –, utilizando espaços vazios na cidade, o que sugere, assim, a existência da sustentabilidade socioeconômica agrícola urbana.

Considerando a importância das práticas agrícolas voltadas para a horticultura em Grajaú, com destaque para as dimensões social, econômica e ambiental, essa pesquisa se fez necessária para investigar os benefícios aos produtores e à população, bem como os possíveis problemas que dificultam a produção e a comercialização na cidade em tela.

A análise desse tema inicial é regida pelo conhecimento básico e interesse de investir e ampliar a interpretação sobre a agricultura para além do mundo rural. Para isso é



necessário que haja justificativas no âmbito pessoal, social e científico, para que se formulem a necessidade e importância de se trabalhar e destacar outras formas de agricultura.

Dessa forma, começou-se a perceber e entender que há práticas agrícolas urbanas expressivas em Grajaú e passíveis de serem objetos de estudo. A produção de hortaliças, nesse sentido, pode, ao mesmo tempo em que gera renda, realçar a fragilidade de uma cidade cuja segregação e oferta de empregos à população economicamente mais pobre são precárias e excludentes. Assim, tal produção pode assegurar renda aos produtores e feirantes, bem como movimentar a economia local.

Para lidar com o universo de produtores e feirantes de hortaliças optou-se previamente por realizar visitas aos espaços das feiras urbanas com o objetivo de construir a problemática inicial da pesquisa e familiarizar-se com os sujeitos envolvidos. Diante disso, a visita foi realizada também em alguns canteiros encontrados em vários lugares do bairro Mangueira, em quintais abandonados, cedidos para a realização da tarefa.

Todavia, os canteiros de produção de hortaliças, que abastecem o comércio local, podem ser utilizados como contra-argumento que corrobora para derrubar a máxima, oriunda do senso comum, de que Grajaú é um município improdutivo. Essa produção pode não ser suficiente para abastecer a demanda local de hortaliças, porém tem o intuito principalmente de promover a sustentabilidade econômica para essas famílias, pois a maioria não tem oportunidade de emprego local.

Além de promover a sustentabilidade econômica, uma alimentação mais saudável tem de ser levada em consideração, pois no momento histórico atual os produtos agrícolas em geral têm sido protagonizados como causadores de várias doenças, principalmente cânceres, por serem produzidos com uso de diversos agroquímicos. Assim sendo, a produção agrícola com pouco ou sem produtos químicos, a exemplo das hortaliças produzidas nos canteiros urbanos de Grajaú, se faz mais forte e necessária.

Finalmente, essa pesquisa se faz necessária por intentar discutir, refletir e analisar o papel e o lugar de destaque da agricultura urbana, a partir da produção de hortaliças, em Grajaú. Para tanto, não se pode deixar de considerar que a problemática norteadora dessa pesquisa se passa pela análise do uso da terra, das relações entre produtores, feirantes e poder público local, bem como as relações de produção, comercialização e consumo.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa qualitativa, de acordo com Ramires e Pessôa (2009), vem se afirmando cada vez mais no decorrer dos tempos, pois é nomeada como uma promissora no campo da investigação, propondo a oportunidade de que o pesquisador obtenha, de forma mais clara, dados descritivos, através do seu contato direto com o objeto de estudo. A pesquisa qualitativa tem como objetivo orientar a direção para que os trabalhos desenvolvidos através dela sejam elaborados de forma que tenha um valor científico através de sua metodologia. Considerando as diversas técnicas que podem ser aplicadas na pesquisa qualitativa, destacam-se: a importância da história oral; do diário de campo que possibilita diversas formas de trabalho; das entrevistas que são necessárias para as coletas de dados e tem sido uma das técnicas mais utilizadas nas pesquisas mais recentes, sobretudo nas Ciências Humanas; da análise do discurso que se faz importante para cada povo.

Segundo Ramires e Pessôa (2009), alguns métodos são tomados como específicos de humanas e outros de naturais, no entanto, o uso do método qualitativo se faz mais eficiente por transparecer ser mais flexível quando é relacionado a trabalhos e pesquisas acadêmicas. O método qualitativo se faz necessário também às pesquisas e aos pesquisadores que desejam ampliar a sua rede de estudo, pois alguns métodos se limitam, empregando assim a necessidade de se obter a inserção do método qualitativo para ampliar o seu campo de análise.

O método qualitativo permite, pois, identificar as motivações que levam os sujeitos sociais ao exercício de suas práticas espaciais, sendo importante a fundamentação de elementos que sustentem a produção de um discurso capaz de representar o posicionamento de todo o segmento social (RAMIRES; PESSÔA, 2009, p. 30).

Por meios de observação e aceitação, essa prática qualitativa, de acordo com Ramires e Pessôa (2009), pode descrever a forma na qual o procedimento de convivência social influencia o resultado direta ou indiretamente da pesquisa. Essa possibilidade de se compreender a importância de que há validade social, independente do uso da cultura informal do vocabulário, a sua compreensão social pode ser traduzida e dada como válida. O método qualitativo promove a aproximação do sujeito com a realidade espacial que faz parte, podendo ser pessoas leigas ou não.

Para Ramires e Pessôa (2009), a compreensão ainda é maior:

Quando partimos do pressuposto de que, para compreender as diversas culturas, devemos olhá-las de dentro pra fora, como nos ensinam os antropólogos, entre eles, Malinowsky e muitos outros, percebemos a relevância

do trabalho de campo e o valor da observação participante (RAMIRES; PESSÓA, 2009, p. 32)

Outro método a ser utilizado nessa pesquisa é o Estudo de Caso, ele se enquadra bem quando se refere ao método Qualitativo e é utilizado com frequência para coletar dados e se destaca em áreas com estudos organizacionais. Apesar de sofrer algumas críticas por não ser considerado um método científico no sentido de não ter objetividade e rigor para se afirmar. Para César (2005):

Os preconceitos existentes em relação ao Método do Estudo de Caso são externalizados em afirmativas como: os dados podem ser facilmente distorcidos ao bel prazer do pesquisador, para ilustrar questões de maneira mais efetiva; os estudos de caso não fornecem base para generalizações científicas; a afirmação de que estudos de caso demoram muito e acabam gerando inclusão de documentos e relatórios que não permitem objetividade para análise dos dados (CÉSAR, 2005, p. 3).

No entanto, o estudo de caso é bastante utilizado em diversas pesquisas, pelo seu vasto alcance referente a métodos que nele são disponíveis de se aproveitar. No entanto, é inegável a sua importância como instrumento de investigação e o seu estudo deve ser situado na discussão acadêmica, entendida e confirmada por Ventura (2007).

Para isso, Ventura (2007) constata também vantagens sobre o estudo de caso:

Uma grande utilidade dos estudos de caso é verificada nas pesquisas exploratórias. Por sua flexibilidade, é recomendável nas fases iniciais de uma investigação sobre temas complexos, para a construção de hipóteses ou reformulação do problema. Também se aplica com pertinência nas situações em que o objeto de estudo já é suficientemente conhecido a ponto de ser enquadrado em determinado tipo ideal. São úteis também na exploração de novos processos ou comportamentos, novas descobertas, porque têm a importante função de gerar hipóteses e construir teorias (VENTURA, 2007, p. 3).

César (2005), também destaca que:

Pode-se dizer que os estudos de caso têm algumas características em comum: são descrições complexas e holísticas de uma realidade, que envolvem um grande conjunto de dados; os dados são obtidos basicamente por observação pessoal; o estilo de relato é informal, narrativo, e traz ilustrações, alusões e metáforas; as comparações feitas são mais implícitas do que explícitas; os temas e hipóteses são importantes, mas são subordinados à compreensão do caso (CÉSAR, 2005, p. 6).

Diante do exposto, essa pesquisa é do tipo Qualitativo e o Estudo de Caso é o procedimento condutor das ações. As atividades de pesquisa não partiram de hipóteses. Considerou-se, nesse sentido, explorações preliminares na feira do bairro Rodoviário, a fim

de identificar possíveis produtores de hortaliças. Posteriormente utilizou-se dessa exploração inicial para delimitar o bairro Rodoviário e os principais horticultores urbanos como espaço e sujeitos do estudo. Partiu-se, portanto, para observações diretas, entrevistas informais e acompanhamento da rotina dos horticultores. Os procedimentos para o desenvolvimento das etapas de pesquisas foram através da utilização da pesquisa bibliográfica, que subsidiou os principais conceitos discutidos e do trabalho de campo. Além disso, a aplicação das entrevistas semiestruturadas aconteceu nos próprios canteiros, nos quais foram preenchidos os roteiros de entrevistas, feitos os registros fotográficos e descritas as etapas de produção das hortaliças.

## **A PRÁTICA DA AGRICULTURA URBANA E SUA IDENTIFICAÇÃO NO PROCESSO HISTÓRICO**

Segundo Mazoyer e Roudart (2009), a agricultura tem sido utilizada há bastante tempo, surgiu em meados de 10.000 e 5.000 antes mesmo de nossa era, quando os ancestrais humanos já dominavam determinados tipos de instrumentos. Sociedades, como a neolítica, começavam a praticar a cultura e domesticação de animais, para, assim, poder reproduzi-los, transformando-se de predadores a cultivadores. Com essa atividade de cultura, cada vez mais se via um ecossistema diferente do que era apresentado naturalmente para eles, o que ficou conhecida como a revolução agrícola neolítica. No entanto, o homem não nasceu aprendendo a fazer tudo isso, precisou se adaptar, com isso:

Enfim, nenhum saber inato ou revelado lhe ditava arte e a maneira de praticar a agricultura, e graças a isso, ele pode ajustar livremente os sistemas de cultivo e de criação extraordinariamente variados e adaptados aos diferentes meios do planeta, transformando-os de acordo com suas necessidades e de acordo com suas ferramentas (MAZOYER; ROUDART, 2009, p. 70).

Para Zaar (2017), as atividades agrícolas realizadas dentro ou arredores do espaço urbano são tão antigas quanto o próprio urbano. Isso pode ser notado na Grécia, Roma e Egito, onde os palácios eram cheios de árvores, ou na idade média, com os monoteístas que utilizavam as hortaliças que eles plantavam destinadas ao consumo dos moradores. Com as grandes navegações, muitas outras plantas foram encontradas e domesticadas dando origem aos jardins-hortas, com grande variedade de plantas frutíferas e leguminosas e que logo em seguida foi transformado em jardins botânicos, para pesquisa, vinculados à universidade. No entanto, sabe-se que o mundo rural sempre fez parte do urbano, pois as atividades agrícolas estiveram atreladas à aldeia e à própria cidade.

A história da agricultura é praticada em um tempo e lugar, apresenta-se em sua origem como um objeto ecológico e economicamente complicado, variando as espécies de acordo com o tipo de solo. Varias categorias estão presentes na agricultura, isso vai depender em qual ponto do mundo ela está sendo praticada. No entanto, toda a agricultura, ao longo do tempo, passa por transformações, ou seja, dependendo do lugar onde está sendo realizada essa atividade surgirá espécies completamente distintas com características dessa determinada região. Diversas formas de cultivo, a partir de tais transformações, evoluíram. Mazoyer e Roudart afirmam que:

Na Europa, por exemplo, sucederam-se o cultivo manual com derrubada-queimada dos tempos pré-históricos, o cultivo de cereais com a utilização do arado escarificador da Antiguidade, o cultivo de cereais com o emprego de arado na Idade Média, o policultivo associado à criação de animal sem alqueive da época moderna, os cultivos mecanizados e motorizados de hoje. (MAZOYER; ROUDART, 2009, p. 44).

Apesar de toda a modernização da agricultura, para Mazoyer e Roudart (2009), uma grande quantidade de agricultores de países pobres ou em desenvolvimento encontrados na África e a América Latina, não conseguiu obter grandes quantidades de produção agrícola assim como nos países mais desenvolvidos. Isso, por alguns fatores, como o principal, bastante capital e investimento em maquinários pesados. “A agricultura moderna está, portanto, muito longe de ter conquistado o mundo. As outras formas de agricultura continuam predominantes e ocupam a maioria da população ativa dos países em desenvolvimento” (MAZOYER; ROUDART, 2009, p. 42).

Diante desse processo de modernização, a divisão tripartite da economia em países subdesenvolvidos resultou no aumento de setor secundário e, principalmente, terciário. Para Santos (2008), a terciarização é um circuito inferior, que apesar de nuances, pode ser caracterizada como uma forma resultante das atividades empregatícias da urbanização sem industrialização. No entanto, a realidade do circuito inferior é mais ampla do que somente o setor terciário, pois abrange diversidades de empregos que tem filiação comum. Esse setor terciário é necessário, pois abriga e dá suporte a uma grande parte da população pobre.

A agricultura urbana está inserida nesse processo de definição de circuito inferior, pois é resultante da urbanização que reproduz poucas oportunidades de empregos para pessoas com menos ou nenhum investimento de conhecimento profissional urbanizado. “O circuito inferior constitui também uma estrutura de abrigo para os cidadãos, antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional” (SANTOS, 2008, p. 202). O

que também traz como consequência a insegurança de um emprego que pode ser temporário.

“A agricultura urbana compreende uma variedade de sistemas agrícolas, que vão desde a produção para a subsistência e processamento caseiro até a agricultura totalmente comercializada” (BRANDÃO, 2009, p. 4). Falar sobre agricultura pode parecer estar internamente ligada à cultivação de plantas, hortaliças, legumes, frutas e etc., no entanto, há de se dizer que tudo vai além de mera plantação e cultivo. Essa afirmação se faz necessária pelo fato da abrangência na qual a agricultura, em especial urbana, se faz presente. Ela transparece em vários âmbitos que no cotidiano não se tem a oportunidade ou a delicadeza da percepção em apreciar.

Para Brandão (2009, p. 3), há outra definição:

A agricultura urbana é entendida como uma prática que é realizada em áreas pequenas de uma cidade ou no seu entorno (peri-urbana) os quais os cultivos produzidos são utilizados para cultivo próprio ou para venda em pequena escala, em mercados locais. A FAO (1996) define agricultura urbana como sendo a produção alimentar (vegetal ou animal) que ocorre dentro dos limites da zona urbana, e esta poderá ser realizada em quintais, em cima de tetos, em hortas ou pomares, em terrenos e espaços não utilizados ou públicos. Inclui também as operações comerciais que produzem alimentos em estufas e em espaços abertos, mas acontece mais frequentemente como atividade de pequena escala e espalhada ao redor da cidade.

Para Machado (2011), o conceito de agricultura urbana é definido basicamente na localização dentro e ao redor das cidades, áreas urbanas ou em qualquer espaço físico dentro da cidade que mantenha alguma atividade agrícola. Essas áreas podem ser individuais ou coletivas, áreas públicas ou particulares. O manejo da agricultura urbana pode ser realizado em: vias públicas, praças, parques, terrenos baldios e outros, ainda que considerados no perímetro da cidade e do urbano.

Zaar (2017) argumenta que existe um processo de hibridação cultural e material, que tem como abrangência vários âmbitos, envolvendo alguns fatores que levam em consideração a existência da agricultura no meio urbano. Um desses fatores é a existência de vacarias e de hortas em áreas consideravelmente urbanas, o que ela denomina como “ilhas de ruralidade”. Esses exemplos resistem aos diferentes processos de especulação imobiliária e de urbanização, reforçando a hipótese de ligação do rural com o urbano.

No rural, tem-se introduzido muitas atividades agropecuárias, como os complexos agroindustriais. A inserção tecnológica faz com que os empregos se tornem temporários, conseqüentemente, há a migração campo-cidade, impulsionando o exercício maior dos produtores agrícolas urbanos. “Estes processos eliminam as antigas barreiras que existiam

entre a cidade e o campo, intensificam as relações existentes e estabelecem muitas outras” (ZAAR, 2017, p. 353).

Para Brandão (2009):

Assim, a agricultura, que antes era considerada uma atividade exclusiva da zona rural, passa a ser importante no meio urbano, e esta cruza as fronteiras entre o que é econômico, ecológico, político e cultural, como consequência, deve ser vista em seu caráter multifuncional (BRANDÃO, 2009, p. 6).

Coutinho (2011) traz a ideia de que os elementos da agricultura urbana podem mostrar um novo olhar de que a cidade não é somente um produto da técnica, exclusivamente constituída de ambientes construídos. Nas cidades há, também, áreas verdes, parques, quintais e terrenos vagos aos quais são destinados vários usos, inclusive o uso agrícola. Por isso, este trabalho tem como objetivo ressaltar as dificuldades, influências e a necessidade de se valorizar a produção e cultivo da agricultura urbana e periurbana na cidade de Grajaú-MA.

A expansão das cidades é acompanhada pela necessidade crescente de fornecer alimentos às famílias que nelas residem, no entanto, decorre o aumento de pobreza das populações urbanas e, conseqüentemente, há uma dificuldade de alcance na alimentação básica (TOLEDO, 2001, p. 13). O crescimento acelerado das cidades promove grandes necessidades de mudanças e improvisações benéficas quando relacionados a vários âmbitos do cotidiano, inclusive na alimentação. Por esse motivo, é indispensável analisar que cresce a carência de alimentos que dão suporte à alimentação básica. Nesse contexto, surgiu a oportunidade da agricultura urbana, que vem contribuir para o auxílio de uma alimentação economicamente cabível, dentro das classes sociais diversas e gerar ocupações ou trabalhos para uma parte da população que não se encaixa por falta de oportunidade ou de vagas no mercado de trabalho, gerando capital, autossustento, abastecimento da cidade e empregos.

A agricultura urbana faz parte do dia a dia de uma grande parcela da população, sendo ela os agricultores ou o restante da sociedade. A necessidade que tem de haver essa grande parcela de agricultores urbanos está voltada para o consumo de produtos com qualidades, produtos orgânicos e não industriais, como se é de costume encontrar em vários locais. A agricultura urbana está diretamente ligada a pessoas que produzem o próprio alimento, isso não implica em dizer que, não podem produzir alimentos para o comércio, pois é um meio de gerar lucros. Sendo a agricultura urbana um meio para se obter de forma mais fácil alimentos com qualidade e financeiramente, no mínimo, a alimentação básica, é, inclusive, um meio de combate à pobreza, porque a mesma é

cultivada e produzida nas periferias, o alcance a esses produtos é mais fácil e o custo é bem mais baixo. No entanto, é um produto consumido por todas as classes, tanto para a venda quanto para o próprio consumo.

Para Cribb e Cribb (2009), a influência das atividades agrícolas nas áreas denominadas urbanas e em seu entorno revela em sua produção uma população com condições de alimentos que compõem uma dieta alimentar rica e variada. Ao contrário dessa população, as famílias empobrecidas encontraram na Agricultura Urbana e Periurbana (AUP) uma saída para atender às suas necessidades alimentares, criando, assim, oportunidades de empregos com a produção agrícola, pois, apesar de geralmente ser pequena, requer mão de obra para um trabalho intensivo.

Outro ponto de vista de Cribb e Cribb (2009) é que a iniciativa da agricultura urbana tem crescido em muitas cidades do mundo e pode ser uma ferramenta eficaz para auxiliar a combater à miséria, melhorar a segurança alimentar e nutricional de algumas comunidades urbanas e criar um habitat urbano melhor.

Brandão (2009) afirma que:

Hoje é importante destacar que para haver segurança alimentar, deve haver também disponibilidade de alimentos, que estes sejam saudáveis, que as famílias tenham acesso físico e econômico e que todas as necessidades nutricionais sejam supridas. Neste ponto, as principais contribuições da agricultura urbana são a acessibilidade e a qualidade dos alimentos (BRANDÃO, 2009, p. 8).

A agricultura urbana tem uma influência positiva direta e importante na sociedade e suas contribuições são de grande relevância, como: bem-estar, economia, meio ambiente, conservação dos recursos naturais e a amenização do impacto ambiental decorrente. Para Machado (2011), a agricultura urbana condicionada à segurança alimentar agrega para o bem-estar da população. Exemplos como ambientes mais limpos, restringindo riscos de contaminação de doenças, mais qualidade dos alimentos, melhora a saúde da população e etc.

A saúde está diretamente ligada às condições alimentares e ambientais e, no contexto de comunidades da periferia, os níveis de doença intensificam-se. O manejo na produção desses produtos agrícolas em sua grande parte é feito com poucos agroquímicos, pois os produtores também são os consumidores e têm a consciência que é prejudicial à saúde, mesmo sem o conhecimento profissional e minucioso do efeito colateral desses produtos. Os aproveitamentos dessas terras na cidade ou em lugares abandonados, dentro ou fora da periferia, são avaliados como positivos, pois sua ocupação não traz somente benefícios para alimentação, mas, também, para uma saúde ambiental.



O resultado dessa má qualidade de vida tem consequências na saúde corporal, como a Hepatite A, verminoses, dentre outras doenças virais. A propagação de doenças no estado do Maranhão, por exemplo, é originária da contaminação por falta de saneamento básico e de precárias condições de urbanização e de acesso aos recursos urbanos e ambientais:

O Estado do Maranhão não se distancia da realidade supracitada. Mesmo possuindo uma diversidade de ecossistemas e grande riqueza de bens naturais, os recursos ambientais disponíveis têm sofrido grandes modificações diante do acelerado e desordenado crescimento populacional e da apropriação por uma pequena parcela da população (ASSUNÇÃO, 2016, p. 99).

Zaar (2017) acrescenta:

Além disto, a prática da agricultura urbana, quando realizada nos padrões ecológicos, representa muito mais que um instrumento de naturalizar a cidade, implica também outras abordagens como as que envolvem conceitos vinculados à soberania alimentar, ao desenvolvimento sustentável, à degradação ambiental, à qualidade de vida e à educação ambiental (ZAAR, 2017, p. 235-256).

O exercício da agricultura urbana promove benefícios de várias formas e em vários lugares, contribuindo para a melhoria da saúde da população, na ampliação do consumo de produtos vegetais de qualidade incorporados à dieta alimentar, assim como em um ambiente mais limpo e organizado. Para as famílias que trabalham com a horta, complementa ou gera toda a renda familiar, bem como produz outras formas de ocupação remunerada.

A prática da agricultura urbana é mais do que um auxílio ou um complemento na renda familiar, pois ela também pode ter como o papel principal de assumir as despesas e fornecer garantia de capital fixo. Não é colocada somente no contexto de combate à pobreza, mas, também, em um contexto de produção integrada (agroindustrial), de desenvolvimento econômico e social, bem como alimenta-se ainda a ideia da sustentabilidade, quando associada à produção ecologicamente saudável.

Entre outros aspectos, Cribb e Cribb (2009) elencam duas características básicas da Agricultura Urbana e Periurbana. Uma é a possibilidade de integrar essa agricultura à produção agroindustrial, o que agrega valor aos produtos primários. A outra característica é que, por ser praticada em pequenas áreas, favorece o emprego direto do trabalho familiar. Assim sendo, destaca-se a função econômico-social dessa agricultura tal como a agricultura familiar camponesa, típica do mundo rural brasileiro.

Uma questão que vem se debatendo bastante nos dias atuais é a necessidade do desenvolvimento agroecológico, pois sabe-se que, com a expansão da industrialização e da tecnologia, a agricultura sofreu grandes modificações. No entanto, a agroecologia é uma forma de se reproduzir alternativas de desenvolvimento sustentável ou, no mínimo, combatendo os malefícios que ambas trouxeram.

Para Azevedo e Almeida Netto (2015), a agroecologia surgiu com o caráter científico de uma mudança para uma agricultura, neste sentido, mais sustentável e menos agressiva ao meio ambiente. Ela não está somente direcionada ao meio ambiente, tanto que a agroecologia também é uma forma de se trabalhar pensando na vida dos agricultores, no sentido de proporcionar melhores condições sociais e econômicas aos agricultores.

Carmo (2008) relata:

Muito se tem falado ultimamente em desenvolvimento sustentado como a salvação de todos os males que surgiram com a evolução da tecnologia. E, continuamente, o primado da técnica sobre as relações sociais se renova por meio de soluções para esses males, revigorados pela crise socioambiental e, mais recentemente, pela crise econômica mundial. Dentro desse novo recorte, a tecnologia vinda com o invólucro da sustentabilidade, aparece como a grande redentora dos malefícios, até agora necessários, da modernização da agricultura (CARMO, 2008, p. 2).

Ribeiro, Bógus e Watanabe (2015) destacam:

A urbanização da população mundial e o processo de industrialização nas últimas décadas trouxeram várias mudanças no perfil demográfico, na qualidade de vida e no abastecimento alimentar, com reflexos na segurança alimentar e nutricional (SAN) e na saúde das populações (RIBEIRO; BÓGUS; WATANABE, 2008, p. 1).

Com isso, a sustentabilidade se faz de grande necessidade para o combate à degradação ambiental, pois, em suma, sua conscientização de preservação garante um controle ao grande desastre ecológico realizado pelo homem. Não somente isso, mas influencia no meio social e econômico também, de forma que beneficia a população em geral. A conscientização ambiental resulta em uma melhor qualidade de vida, não somente para os seres humanos, mas também para o planeta e toda a sua biodiversidade.

No ano de 2017, o deputado federal Padre João (PT-MG) teve um projeto aprovado pela Comissão de Justiça e Cidadania. Esse projeto de Lei 906/15 reporta o auxílio ao desenvolvimento e o apoio à agricultura urbana, criando uma política nacional que estabelece ações a serem tomadas pelo governo federal em parceria com os municípios.

O deputado descreve a agricultura urbana como uma grande contribuinte para tornar as cidades mais produtivas e autossuficientes.

Lacher (2017) descreve que as ações a serem descritas e realizadas no projeto são:

O apoio aos municípios na definição de áreas aptas ao desenvolvimento de agricultura urbana comunitária e individual; a viabilidade de aquisição de produtos da agricultura urbana para os programas governamentais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); e a definição de linhas especiais de crédito para agricultores urbanos e suas organizações, visando ao investimento na produção, no processamento e na estrutura de comercialização (LACHER, 2017, s.p.).

O intuito esperável da Política Nacional de Agricultura Urbana corresponde a:

Ampliar a segurança alimentar e nutricional das populações urbanas vulneráveis; propiciar a ocupação de espaços urbanos ociosos; gerar alternativa de renda e de atividade ocupacional à população urbana; articular a produção de alimentos nas cidades com os programas institucionais de alimentação em escolas, creches, hospitais, asilos, restaurantes populares, estabelecimentos penais e outros (LACHER, 2015, s.p.).

Esse projeto tem como desígnio envolver também a agricultura intraurbana e periurbana. Segundo o Deputado Federal Padre João (2017), sabe-se da importância que a agricultura urbana tem para uma melhor qualidade de vida, sendo assim, nada mais justo do que uma atenção maior voltada para ela, pois a mesma dispõe de muitos benefícios para a população em geral.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Produção, trabalho e reciprocidade na agricultura urbana do bairro Mangureira**

No município de Grajaú observam-se nas feiras a venda de hortaliças e outros produtos que normalmente não são encontrados com facilidade no comércio da cidade, ou pelo menos, encontrados em um mesmo lugar durante a semana. Assim, muitas vezes, a população não tem a sensibilidade de notar que próximo a essas feiras, lugares como canteiros, terrenos abandonados ou emprestados, entre outros, são locais de trabalho para pessoas que necessitam produzir esses alimentos para ter o seu próprio sustento.

A feira é um lugar de encontro para essas pessoas que trabalham com produção de hortaliças. Em algumas visitas à feira do bairro Rodoviário foi percebido que diversas mercadorias que são vendidas em outros lugares durante a semana, no final de semana,

podem ser encontradas nas feiras. Estas são os locais onde se encontram a maior variedade de alimentos – principalmente aqueles naturais ou produzidos com menor quantidade de agroquímicos –, utilizada no dia a dia com relação à alimentação. A feira é um espaço que agrega desde os pequenos produtores até os que produzem em maior quantidade, os comerciantes informais e atravessadores; nela recebe tanto alimentos quanto pessoas de diversos lugares.

Poderia ser aprofundado o estudo com relação à feira e realizadas outras visitas, já que ela se localiza no mesmo bairro e há uma estreita relação entre o trabalho dos produtores de hortaliças e a feira, todavia o foco desse estudo são as pessoas que trabalham com hortas no bairro Mangueira.

Após algumas visitas e conversas com os horticultores, pôde ser percebido que, de 7 (sete) produtores do bairro, somente dois deles trabalham vendendo na feira do bairro Rodoviário, no sábado, e outra no domingo, na feira do bairro Canoeiro, localizada no outro lado da cidade, considerando que a área urbana de Grajaú é cortada pelo rio de mesmo nome. O bairro Canoeiro, portanto, situa-se no platô que drena as águas para a margem esquerda do rio. Os demais produtores trabalham vendendo os canteiros para terceiros (atravessadores) – que comprem para revender de porta a porta – ou aos próprios horticultores, os quais também vendem de porta a porta, o que é bastante comum na cidade.

O bairro Mangueira situa-se em uma região movimentada da cidade e está próximo a pontos importantes como a feira de comércio livre, a rodoviária, o CAIC, a Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, o centro da cidade e a BR-226, principal via de circulação urbana. Ainda se podem observar no bairro traços de sua história, como a igreja católica, ruas de pedras e algumas estruturas de casas mais antigas. Neste bairro foram encontradas sete hortas as quais abastecem toda essa região. Muitos produtores, ao falarem sobre quando começaram a trabalhar com horta na localidade, relataram que praticamente não havia casas e a maior parte do bairro era formada por terrenos recobertos por mato.

Ao iniciar a pesquisa, primeiramente foi realizado um mapeamento do bairro a fim de saber onde se encontravam os canteiros. Esse mapeamento foi realizado através de conversas com os moradores do bairro Mangueira, pedindo auxílio para identificar as localizações (Figura 01). Dentre os entrevistados, o acompanhamento diário ocorreu com sete produtores. Além do acompanhamento, realizaram-se entrevistas, inclusive, com a líder da associação dos produtores do bairro Mangueira.



Figura 1 – Localização das hortas do bairro Mangueira  
Fonte: Google Earth, 2018 e fotos do autor.

A maioria dos produtores é oriunda de municípios próximos ou localidades rurais do próprio município de Grajaú, a exemplo de duas produtoras proveniente do povoado Aldeia Velha. No entanto, atualmente, todos moram em Grajaú e trabalham com horta há bastante tempo. Mesmo que a localização dos canteiros seja dentro da cidade, apesar de as práticas serem tipicamente rurais, os sujeitos da pesquisa se identificaram como lavradores. Esta autoafirmação com a identidade camponesa pode estar associada ao modo de vida expresso pela categoria trabalho, retomado a partir da origem camponesa desses sujeitos que, embora vivem na/da cidade, reproduzem a sua existência através do trabalho da terra.

As terras que eles utilizam para trabalhar são cedidas por outros moradores do bairro. Logo, além de lavrador/camponês, os horticultores do bairro Mangueira também são parceiros e migrantes sem-terra na cidade. Eles geralmente utilizam essas terras para plantar, em troca eles cuidam dos terrenos no sentido de manter limpos e garantir para que não sejam invadidos, apesar de serem demarcados e possuírem documentos. Muitos terrenos são encontrados nas extremidades do bairro. Em um dos terrenos cedido, onde

trabalham duas famílias, o dono veio a óbito, mas os herdeiros ainda não reivindicaram a terra e os produtores ainda estão trabalhando no local.

Trabalhar com horta requer um cuidado intensivo. Percebeu-se que o cultivo de hortaliças é muito delicado e, dependendo da estação do ano, vai definir melhor a colheita. A forma que os produtores aprenderam a utilizar a terra para a produção dessas hortaliças foi repassada por familiares, amigos e somente uma produtora, a Dona Misti, que trabalha desde criança com horta no município onde morava junto dos pais. Pôde ser notado que, apesar de a horta dispensar o uso de tecnologias, o cuidado e a dedicação impulsiona a suficiente produção semanal para o sustento da família.

No tocante à vida profissional desses produtores é importante ressaltar os produtos cultivados. Sendo principalmente as hortaliças, destacam-se: couve, alface, cebolinha e coentro. Outros produtos são plantados em menor escala (hortelã, milho, quiabo e tomate). Os motivos para o não plantio comercial amplo ou para a pequena produção dessas hortaliças são: falta de espaço para plantio, de maior número de pessoas para trabalhar; falta de dinheiro para comprar adubo e fertilizante e, pelo fato da facilidade maior que as primeiras hortaliças citadas têm para ser vendidas, devido ao seu consumo diário na cidade, recebem o maior foco de produção.

Os primeiros cuidados a serem tomados antes mesmo de plantar é jogar a barragem<sup>1</sup> sobre a terra. Esse processo é utilizado se caso os produtores verem que tem algum ninho de formiga ou uma grande quantidade, pois as mesmas carregam as sementes. Para o pleno crescimento das hortaliças há alguns cuidados que devem ser tomados para que não se perca a horta, como: jogar água duas vezes ao dia; proteger da chuva; verificar se têm lagartas ou qualquer tipo de inseto; lavar as hortaliças, caso pegue chuva, para evitar que elas se queimem com a irradiação solar; e fofar<sup>2</sup> a terra regularmente.

O processo no qual os produtores trabalham necessita de bastante atenção e cuidado, pois qualquer erro ou descuido pode-se perder um canteiro<sup>3</sup> inteiro. Primeiramente, em se tratando da alface e da couve elas precisam ser plantadas em uma sementeira<sup>4</sup>. Esse processo requer preparar um pequeno canteiro onde serão jogadas as sementes de ambas, juntamente com adubo de esterco bovino e uma proteção em cima feita de gravetos ou geralmente é utilizada a palha de coqueiro. Essa proteção é necessária,

---

<sup>1</sup> Barragem: Solução caseira utilizada como inseticida composto por: fumo, álcool e sabão.

<sup>2</sup> Fofar: Uma forma de espalhar a terra para que não fique dura e deixe a água penetrar com facilidade até as raízes.

<sup>3</sup> Canteiro: Lugar onde são plantadas as hortaliças. É um pouco mais elevado do que o resto do terreno com uma proteção lateral para evitar a erosão da terra.

<sup>4</sup> Sementeira: É outro canteiro, porém menor, onde se plantam as sementes da couve e da alface e, após a germinação, mudam-se as plantas para o canteiro maior.

para que, em caso de chuva, as sementes não sejam soterradas e impedidas de germinarem. Aproximadamente, em uma semana, as mudas são retiradas e transferidas para o canteiro principal, devidamente adubado, e plantadas com um pequeno espaçamento. O tempo de colheita da couve e alface é diferente. A primeira pode ser retirada entre 25 a 30 dias. Já a alface possui tempo de colheita maior, o qual varia de 30 a 40 dias.

O plantio do coentro é um pouco diferente das outras hortaliças, pois este não necessita ser plantado em uma sementeira, sendo colocado diretamente nos canteiros principais e em formato de fileiras. Após oito dias inicia-se a germinação e crescimento da folhagem. No entanto, o processo de proteção seja com palha, gravetos ou tela é a mesmo. Joga-se, enfileirada, apenas uma pequena quantidade de sementes, devido à multiplicação e o crescimento “espalhado” do coentro. Um canteiro produz entre 45 e 60 fileiras. Dentre as hortaliças, o coentro e a cebolinha (a combinação dessas duas hortaliças resulta no popular “cheiro verde”) são as mais demoradas para a retirada, pois a sua colheita demora em torno de 40 a 60 dias.

A forma na qual os horticultores utilizam para regular a produção, no sentido de não haver a interrupção do fornecimento de hortaliças aos consumidores, é plantar semanalmente. Caso aconteça a falta de algum produto, o que ocorre frequentemente, eles compram dos outros produtores. Isso é denominado por eles de “venda casada”.

A venda casada é bastante recorrente entre eles e pode ser entendida como uma forma de ajuda mútua, tendo em vista que o valor dos produtos comercializados entre os horticultores é abaixo do preço de mercado. A venda casada, nesse sentido, exprime mais uma relação de uso do que propriamente de troca. Isto é, a relação de uso se constitui a partir de trocas simples e outras relações sociais não capitalistas entre os horticultores, diferente da troca mercantil, a qual visa apenas o lucro. Esta prática refere-se à venda de fileiras de canteiros ou ao canteiro inteiro, caso seja de coentro. Se for a alface e a couve é vendida por unidade. Segundo Sabourin (2009), a reciprocidade é compreendida como um exercício de concessão praticada naturalmente dentro das comunidades agrícolas. Com isso, estabelece uma conexão social, para o reconhecimento do próximo e envolvendo-o nessa comunidade, atribuindo uma identidade coletiva e repartindo saberes e experiências.

A venda casada, segundo os produtores, não traz benefícios (leia-se: “lucros”). Para isso, comparamos o coentro: em cada fileira de um canteiro são aproveitados quatro “mói”<sup>5</sup>, equivalente ao valor de R\$8,00 (oito Reais), se vendidos diretamente ao consumidor final na rua ou na feira. Caso seja vendida a fileira em venda casada, para outro

---

<sup>5</sup> Mói: É uma quantidade de cheiro verde vendida geralmente pelo preço de R\$2,00 (dois Reais). Mói, na linguagem dos lavradores, é o mesmo que “molho de cheiro verde”.

horticultor, o preço dos quatro molhos é R\$2,00 (dois Reais). Apesar de não ter o trabalho de vender de porta a porta, os produtores afirmam que preferem não praticar a venda casada, porque o ganho é três vezes menor do que quando comercializam de outra forma. No entanto, a consciência de saber da necessidade do próximo, baseada a partir de sua própria demanda, desestrutura toda a singularidade e o egoísmo de não realizar tais atitudes, pois isso também é uma característica desses lavradores.

Sendo,

assim, a reciprocidade se expressa por meio de formas de solidariedade, na produção ou na redistribuição de alimentos, que constituem o nível do real; mas ela existe também no plano simbólico, através da reza, do canto, do compartilhamento do verbo (SABOURIN, 2009, p. 52).

A agricultura urbana praticada nas hortas corrobora para o aumento da renda familiar dos lavradores e disponibiliza hortaliças que abastecem o comércio local e preenchem a alimentação básica, mais saudável, para a população. Mesmo diante da relevância social, econômica e ambiental, não há conscientização e a valorização local de que os produtores sobrevivem desses cultivos, pois, além de abastecer famílias dos bairros adjacentes e até mesmo da cidade, necessitam de um apoio do poder público local no sentido de auxiliar com projetos que desenvolvam essas práticas de agricultura urbana.

Nessas hortaliças, se comparadas a outras produzidas em grande quantidade em hortas bem maiores, são utilizados menos produtos químicos. Sendo assim, predomina-se o manejo mais natural, em detrimento da manipulação com agroquímicos, além de ser realizado de maneira mais prática. Isso pode ser notado pelo não uso de tecnologias e pela quantidade de pessoas que trabalha, limitando-se apenas à família, praticando, assim, a agricultura familiar urbana.

Para Moreira (2005), com o avanço tecnológico chegando ao rural e diminuindo o emprego nessa área, os estudiosos começaram a perceber a relevância da agricultura de base familiar, ganhando importância na década de 1990, pois assegurou para diversas famílias de agricultores um desenvolvimento social e econômico equilibrando à relação do meio rural com o urbano. A influência que a mesma obteve no rural, ganhou no urbano, pois adquiriu um resultado positivo em vários âmbitos, no sentido de desenvolvimento sustentável, preservação do meio ambiente, produção de produtos mais saudáveis e a geração de renda, se destacando por atuar como um bem-estar para todos, socialmente e economicamente.



Carmo (2008), por sua vez, descreve a agricultura familiar como um processo de desenvolvimento que não tem como primordial intenção o sistema capitalista. Não produzem a mais para obter um lucro grande, mas sim, para se encaixar de acordo com as necessidades da família. Essa adaptação assegura, de certa forma, um determinado nível para a estabilidade da sobrevivência familiar. Por isso, para se compreender melhor a agricultura familiar, tem que analisar seus projetos e o resultado que querem obter.

Geralmente, esses trabalhos de produção de hortaliças são realizados por pessoas da mesma família. Os momentos das entrevistas e visitas às hortas foram marcados pela presença de mães e filhos. Os maridos, por sua vez, trabalhavam fora e chegavam ainda no final da tarde para ajudar. Em alguns outros casos, somente as mulheres trabalhavam com o cultivo das hortaliças. O que pôde ser percebido foi, marcadamente, que as mulheres são as principais responsáveis pelo trabalho nas hortas e nas vendas, tanto nas feiras quanto de porta a porta, em virtude do trabalho externo masculino. A exceção foi o Sr. Juca, que possui 70 anos e ainda cuida, sozinho, de uma horta.

A produção dos canteiros urbanos está dialeticamente associada à dinâmica da economia espacial da cidade de Grajaú, integrando-se aos circuitos mais informais, como as feiras livres; à economia relativamente solidária, reproduzida através da venda casada entre os próprios horticultores; ao comércio formal, quando vendidos a terceiros, a exemplo dos supermercados locais (Figura 2).

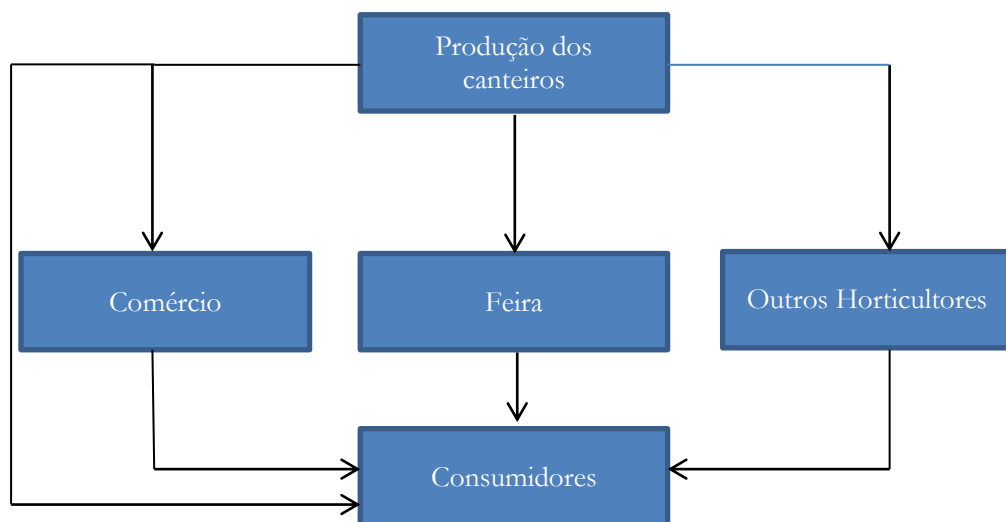


Figura 2 – Circuitos de distribuição das hortaliças do bairro Mangueira  
Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Deve-se ressaltar ainda que os lavradores comercializam também diretamente com os próprios consumidores finais, quando vendem as hortaliças porta a porta. Além disso,

não há comercialização com redes de supermercados, pois ainda não há este tipo de empreendimento na cidade.

### **A (in)sustentabilidade ambiental dos canteiros de hortaliças do bairro Mangueira**

Um debate bastante oportuno concernente à agricultura, nos dias atuais, é a necessidade do desenvolvimento agroecológico, pois sabe-se que o advento e a expansão da industrialização e da tecnologia culminaram em mudanças profundas na agricultura mundial e brasileira. Adotou-se o paradigma produtivista, convencional e tecnológico, apoiado no uso indiscriminado de agroquímicos, desde o uso de técnicas de fertilização química dos solos, de uso intensivo de agrotóxicos, até a produção de sementes e mudas transgênicas, apoiadas pelo avanço da biotecnologia. No entanto, a agroecologia emerge como uma forma de se produzir pautada nos princípios do desenvolvimento sustentável, da soberania e segurança alimentar.

Considerando a ideia de que as técnicas e os princípios agroecológicos podem funcionar como diferenciais na produção das hortaliças tornou-se importante analisar as hortas no quesito local na cidade de Grajaú-MA. Não se podem comparar esses canteiros à grande produção comercial, no entanto, não significa que a produção de hortaliças na cidade de Grajaú seja pequena, uma vez que a análise tem que ser realizada de acordo com a condição de cada lugar. Apesar de não haver a utilização de tecnologia nessas hortas do bairro Mangueira, não se pode desconsiderar a utilização de produtos químicos que “agridem” um dos princípios da agroecologia, que está diretamente ligado à questão de saúde ambiental.

Anteriormente, água utilizada pelos produtores era oriunda de poço artesiano. Posteriormente, implantou-se a água encanada no bairro e eles usavam o recurso da própria casa, ou quem plantava em um terreno emprestado, distante de sua casa, pegava água na casa dos vizinhos. Neste caso, a conta de água era dividida. Hoje, a maioria deles, exceto uma produtora que divide a conta e utiliza a água da vizinha, consomem a água de própria residência, cuja conta de água é cota única e o preço tabelado, ou seja, um preço padrão independente da quantidade de água que eles utilizarem.

Geralmente, a água é guardada em um tanque de concreto, mantido sempre cheio para facilitar o alcance do regador. Usam-se também várias mangueiras, pois as hortas são localizadas em terrenos relativamente distantes das casas. A água que é usada para regar as plantas é a mesma distribuída no bairro pelo Serviço de Água e Esgoto de Grajaú – SAAE.

O processo de utilização de produtos químicos parece ser bem menor, no entanto, ainda se utilizam de alguns produtos que podem ser prejudiciais à saúde. A adubação não é feita somente com esterco bovino, pois é também utilizado o adubo químico. Junto a ele é utilizada também a Ureia, que é um produto, segundo os produtores, que fortifica as hortaliças e tem um uso diferenciado dos outros adubos. A importância dela, nos dizeres dos lavradores, é que, quando as hortaliças estão ficando amarelas, por descuido ou até mesmo “naturalmente”, eles jogam a ureia e elas voltam a ficar verdinhas. É considerada uma vitamina ou fertilizante.

Todo produto químico não é saudável para ser ingerido, no entanto, tem seus benefícios para os produtores quando se trata das hortas. Quando as plantas tem uma pequena quantidade de nitrogênio acabam perdendo um pouco do seu vigor e a ureia é um fertilizante nitrogenado, com isso, os produtores a utilizam quando as hortaliças estão ficando com pouco nitrogênio e conseqüentemente amareladas. Apesar de o nitrogênio ser encontrado em abundância no planeta, necessita ser fixado e é a partir da utilização da ureia que as hortaliças ganham a quantidade necessária de nitrogênio para se desenvolverem. Segundo os produtores, a ureia é utilizada uma ou duas vezes em cada canteiro, durante o período de cultura.

O adubo químico, bastante utilizado pelos produtores, contém os nutrientes necessários para o fortalecimento das hortaliças. No entanto, a prevenção quanto ao uso excessivo é fundamental, pois tem que saber a necessidade de cada horta. Geralmente, para se usar esses produtos tem que ter um auxílio técnico, porém tratam-se aqui de canteiros e produtores que não recebem ajuda e instrução do município ou do estado, ou seja, não oferecem orientações técnicas ou até mesmo um curso básico, inclusive, investimentos para melhores condições de acesso aos produtos pelos lavradores. Estes aprenderam a utilizar na prática ou por conhecimentos adquiridos por pessoas mais velhas.

Sobre este assunto, por exemplo, o estado do Rio Grande do Sul, através de uma política agrícola atual, busca incentivar e ampliar práticas alternativas de cultivos, considerando diversos fatores positivos:

Com isso, incentiva uma prática de uma agricultura responsável que priorize uma nova forma de gestão de uso da terra, proporcionando encaminhamento para a sustentabilidade agrícola. Esta transformação é ocasionada por uma conjunção de fatores, como: a) a redução dos custos de produção; b) a independência quanto ao uso de produtos químicos; c) o aumento da mão-de-obra empregada no processo produtivo; d) a independência quanto ao uso de produtos químicos; e) a conscientização da população quanto ao benefício a saúde e, conseqüentemente, o aumento de demanda e etc. (MOREIRA, 2005, p. 116-117).

Conversando com os produtores sobre o uso desses produtos químicos, todos comentaram que os mesmos não fazem mal à saúde de ninguém, eles têm “vitaminas” e ajudam no fortalecimento da horta. Apesar de se saber que o uso de produtos químicos pode ocasionar problemas de saúde, observou-se empiricamente que o uso de produtos químicos não é exagerado nessas hortas urbanas.

O uso de adubos como fonte de nutrientes é essencial para o bom crescimento e produção de hortaliças. A utilização de fertilizantes e agroquímicos, apesar de os malefícios não serem notados diretamente pelos lavradores, quando sempre afirmavam que usavam para nutrir as hortaliças e ajudá-las a se desenvolverem mais bonitas, revelou a desatenção dos sujeitos da pesquisa no que concerne ao uso e riscos à saúde, bem como ao meio ambiente, de produtos sintéticos nas práticas agrícolas. O uso de produtos apenas naturais não supre a demanda de produção de hortaliças, na perspectiva dos lavradores. A sedução pelos benefícios e incremento na produção, gerada pelo consorciamento de cultivos com adubação natural e sintética, de certa forma, é um argumento convincente que faz com que os produtores acreditem que, somente por tais métodos, eles poderiam abastecer o comércio e a cidade, pois se o trabalho fosse totalmente ecológico seria mais demorado e o retorno financeiro não seria favorável às famílias. O que pode ser deduzido é que os entrevistados não têm a real consciência do uso de produtos agroquímicos. O que está em jogo são a aparente qualidade estética dos produtos, o aceleração na produção de hortaliças e, conseqüentemente, o retorno financeiro.

Apesar de se usar os agroquímicos, o adubo natural ainda é bastante utilizado. O adubo natural de esterco bovino é comprado em bastante quantidade pelos produtores e é utilizado (diferente do adubo químico e da ureia que são usados apenas uma ou, no máximo, duas vezes) em várias fases, desde o início até quase o final do cultivo, pois estará sendo reaproveitado para as próximas hortaliças. Os adubos químicos são direcionados à adubação das hortaliças, enquanto o adubo natural vai nutrir não somente a horta, mas a terra também.

Esses adubos são utilizados por diversos fatores e um dos principais é o fato de que as terras das hortas já estarem sendo utilizadas há muitos anos. Com isso, a terra vai perdendo os nutrientes nela encontrados, inclusive, pelo uso contínuo de cultivos e dos próprios produtos químicos. Em alguns canteiros, como o do seu Juca, é notável que a terra não produz uma horta de qualidade, pois se encontra seca e com baixa fertilidade, inclusive, os próprios moradores descrevem a diferença da terra antes, com sua boa

produção, e a terra hoje, totalmente dependente de adubos químicos e naturais para poder produzir. Ao lado, na horta da Cristiane, pode-se perceber a diferença, uma vez que a terra começou a ser utilizada mais recentemente e é adubada com bastante esterco bovino. Isso tem garantido, por exemplo, maior fertilidade prolongada e qualidade das cultivares.

Esses canteiros encontrados dentro e nos arredores da cidade corroboram com a limpeza urbana, melhoria das condições ambientais e de higiene. Os produtores relataram que em alguns desses terrenos onde eles trabalham eram depósitos de lixo a céu aberto, as hortas, nesse sentido, otimizam os espaços vazios do bairro e corroboram para manter o ambiente limpo e bem-cuidado. Apesar de o bairro Mangueira possuir baixa estrutura de saneamento básico, os lugares nos quais essas hortas são encontradas, aparentemente, não há movimentos de escoamento superficial de esgotos próximos, principalmente, as que se localizam nos arredores do bairro.

A produção de hortaliças tem um impacto diferente para cada uma dessas famílias, no entanto, todas têm a noção de que é uma renda essencial para, minimamente, garantir uma alimentação de qualidade para eles. Em alguns casos, como o da Cristiane, além de vender na feira aos sábados, ela tem um contrato com um supermercado local, para fornecimento das hortaliças que são vendidas neste estabelecimento. No caso do seu Juca, que mora com a esposa e os dois são aposentados, a produção de hortaliças é um passatempo, isto é, um complemento da renda familiar. A dona Misti mora com a filha e a neta e dependem totalmente da horta. Já as outras produtoras têm os maridos que trabalham, informalmente, porém a renda principal é a horta. Outra fonte que complementa a renda dessas famílias, exceto para o casal de aposentados, é o Programa Bolsa Família, que recebem o auxílio financeiro do governo federal.

Em entrevista com os produtores, foi perguntado se eles já trabalharam em outras atividades na cidade. Algumas mulheres trabalharam em serviços domésticos externos, o que relataram não ter sido uma boa experiência e que não trocariam o trabalho nas hortas para voltarem aos serviços anteriores. Já os homens, salvo o seu Juca, o qual sempre trabalhou com horta, fazem serviços de pedreiro. As mulheres relataram ainda que a horta é uma forma honesta de trabalho e que se tem menos dor de cabeça.

A partir do exposto e da investigação realizada, o estudo de caso dos horticultores permitiu elencar alguns benefícios, bem como os desafios e/ou dificuldades encontrados nos canteiros do bairro Mangueira, corroborando para repensar a necessidade e as carências de apoio à produção familiar urbana de hortaliças em Grajaú – MA (Quadro 01).

Quadro 02 – Avaliação da agricultura urbana do bairro Mangueira

<b>Agricultura Urbana e Periurbana</b>	
<b>Benefícios</b>	<b>Desafios ou Dificuldades</b>
Produtos com mais qualidade	Solo desgastado
Aumento da renda familiar	Uso de produtos agroquímicos
Combate à pobreza	Terras de outrem
Abastecimento local	Perdas de canteiros: muita chuva ou seca.
Maior segurança alimentar e nutricional	Ausência de apoio técnico e extensão rural
Alimentação básica	Demanda por crédito e financiamento
	Compra por meio do PAA e PNAE
	Falta de água

Fonte: Pesquisa de Campo, dez./2017 e jan./2018.

A realização da atividade agrícola urbana é de grande valia dentro de uma sociedade grajauense. Mais que produzir alimentos, os canteiros urbanos produzem renda, movimentam a economia local, reduzem a ociosidade das populações mais carentes e reproduzem a identidade camponesa na cidade, bem como pode ser considerada um patrimônio local.

A produção familiar requer o abastecimento da cidade sem distinção de classe social. Com os lavradores são encontrados produtos com mais qualidades e, conseqüentemente, há uma maior segurança alimentar. Eles abastecem a cidade, combatem a indigência e aumentam a renda familiar dos mesmos. Apesar de todos os desafios, como o uso dos produtos químicos, que é o mais salientado e que poderia desqualificar os produtos, não se pode deixar de exaltar os grandes benefícios trazidos por essa prática para a localidade. Além disso, tem-se configurado como uma prática que vem ocupando os terrenos vazios da cidade, reduzindo os problemas ambientais urbanos relacionados ao despejo de lixo e entulhos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desde o surgimento do processo de produção agrícola, houve uma grande melhora na alimentação da humanidade, neste sentido, pode ser refletido que essa prática sempre trouxe uma melhor qualidade de vida para a sociedade. A atividade da agricultura é realizada há bastante tempo e teve como por objetivo a reprodução e cultivo de determinados produtos, colocando o homem em um novo patamar, conhecido como homem cultivador. No decorrer do tempo, essa prática foi se transformando e, de acordo com a influência que o rural sempre teve no urbano, foi tendo cada vez mais visibilidade e manuseamento. Ela pode ser encontrada tanto dentro do urbano como aos arredores

(conhecida como periurbana). Em um processo moderno, muitos lugares do mundo, como países menos desenvolvidos, a agricultura urbana é o suporte no combate contra diversas diferenças negativas, como a pobreza.

A agricultura familiar urbana pode ser considerada como participante do circuito inferior, apesar de ser um processo que garante a inclusão na sociedade, tem como um resultado de uma cidade sem industrialização, com poucas possibilidades empregatícias, o que geralmente é encontrado em países subdesenvolvidos. A agricultura familiar persiste em gerar renda e ocupação aos membros da família para assim garantir no mínimo a alimentação básica.

Os lavradores produzem em grande escala de acordo com a necessidade da cidade, sempre com o controle no processo de plantação e colheita, para que não falem os produtos. No entanto, nem sempre conseguem seguir a risca o plano e, a reciprocidade entre eles leva a realização de acordos como a venda casada, que é a realização da venda das hortaliças mais baratas para revender.

No processo de análise do uso de produtos agroquímicos, destaca-se a necessidade de repensá-los à luz de práticas agrícolas mais sustentáveis, de modo a ampliar o padrão de segurança alimentar local. Compreende-se que é necessária para os lavradores a utilização desses produtos para terem boas colheitas durante um menor tempo e que sua produção seja contínua para que não falte, mas não desvalida a realidade de que possivelmente haja ingestão de produtos através das hortaliças que causem risco à saúde. Diante disso, pode-se concluir que as hortaliças produzidas pelos lavradores urbanos são parcialmente “insustentáveis” no quesito segurança alimentar. Revelou-se ainda certo grau de desconhecimento dos lavradores quanto ao uso e possíveis riscos associados aos produtos químicos nas hortas, mesmo que são apontados mais para a adubação e combate a determinadas doenças nas hortaliças.

Pelo exposto, a produção de hortaliças no espaço urbano do bairro Mangueira não é 100% orgânica, hipótese que poderia ser aventada no início da pesquisa. No entanto, seu modo de produção ainda é mais saudável se comparado aos produtos provenientes de outros estados os quais são desconhecidas a sua origem e técnicas de manejo.

Diante disso, a agricultura é considerada uma prática que ajuda no desenvolvimento do ambiente onde se é trabalhada, traz consigo diferentes benefícios que ajudam na melhor qualidade da população. Finalmente, através da pesquisa empírica, pôde ser observado que o processo de manejo desses canteiros apresenta bastante dificuldade. É um trabalho delicado, que necessita de atenção e prática. É necessário destacar a importância desses

lavradores e dos canteiros urbanos para o abastecimento de produtos hortícolas na cidade de Grajaú, apesar de sua aparente invisibilidade. Tais hortas possuem relevância social, econômica, ambiental e cultural importantes para a cidade.

## REFERÊNCIAS

MACHADO, Altair Toledo; MACHADO, Cynthia Torres de Toledo. **Agricultura Urbana**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2002.

COUTINHO, Maura Neves; COSTA, Heloísa Soares de Moura. Agricultura urbana: prática espontânea, política pública e transformação de saberes rurais na cidade. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 81-97, jul./dez. 2011.

BRANDÃO, Janaina Balk; ARBAGE, Alessandro Porporatti; ANACLETO, Kátia Messa. Agricultura Urbana: experiências e possibilidades. **Revista Congrega URCAMP**, 2010.

CRIBB, Sandra Lucia de Souza Pinto; CRIBB, André Yves. Agricultura urbana: alternativa para aliviar a fome e para a educação ambiental. CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 47., 2009, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: SOBER, 2009. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/662290/agricultura-urbana-alternativa-para-aliviar-a-fome-e-para-a-educacao-ambiental>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **Geografia e Pesquisa Qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009.

CÉSAR, A. M. R. V. C. Método do estudo de caso (Case Studies) ou método do caso (Teaching cases)? Uma análise dos dois métodos no ensino e pesquisa em Administração. **Revista Eletrônica Mackenzie de Casos**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul\\_dez\\_05/06.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf)>. Acesso em: 06. fev. 2018.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-386, set./out. 2007. Disponível em: <[http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007\\_05/a2007\\_v20\\_n05\\_art10.pdf](http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2011.

LACHER, Marcello; TRIBOLI, Pierre. Câmara aprova Política Nacional de Agricultura Urbana. CAMARA DOS DEPUTADOS. 06.02.2018. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/AGROPECUARIA/548085-CAMARA-APROVA-POLITICA-NACIONAL-DE-AGRICULTURA-URBANA.html>>

RITTER, Alexander; CASTELAN, Simone Elenice; Grigoletto, Cassiana. **PIBID/CAPEIS**: Agroecologia, Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental, 2004.



CARMO, Maristela Simões do. Agroecologia: novos caminhos para a agricultura familiar. **Tecnologia & Inovação Agropecuária**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 34-38, dez. 2008.

RIBEIRO, Silvana Maria; BOGUS, Cláudia Maria; WATANABE, Helena Akemi Wada. Agricultura urbana agroecológica na perspectiva da promoção da saúde. **Saude soc.** [online], v. 24, n. 2, p. 730-743, 2015.

AZEVEDO, Leticia Fátima de; NETTO, Tatiane Almeida. Agroecologia: o “caminho” para o desenvolvimento rural sustentável no processo de extensão rural. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v. 19, n. 3, p. 639-645 set./dez. 2015.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: NEAD, 2010.

FIALHO, Marco Antônio Verardi. Agricultura familiar, produção orgânica e “novos rurais”: um estudo de caso no sul do Brasil. In: MOREIRA, Roberto José (Org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.